

NOTAS PÚBLICAS E ESPAÇOS DE VIZINHANÇA

Por Yana Tamayo*

Como uma coleção de pequenos objetos que reunimos por afeto, as paisagens urbanas e os fragmentos colecionados por Iris Helena nos convocam a um olhar atento à sua nova configuração de imagens: impressas sobre frágeis suportes de consumo diário, provas de nossa existência sobre o mundo mercantil, essas imagens demandam memória, reivindicam que nos lembremos delas, ao mesmo tempo em que também evidenciam seu inevitável destino de apagamento e invisibilidade.

A partir do uso de suportes efêmeros como lascas de pintura que se soltam das paredes de uma casa, ou de uso cotidiano – materiais de consumo que marcam a temporalidade do corpo da própria artista em trânsito, como cartelas metálicas de comprimidos, papel higiênico e cupons fiscais de compras – Iris Helena convoca a fotografia tornando manifesto seu estatuto de registro precário em nosso atual sistema de memória. A atual obsessão por produzir, arquivar, ou guardar imagens de um mundo que parece se despedir há algum tempo aponta paradoxalmente em direção à previsibilidade de seu habitual esquecimento. Ao liquidar a fronteira entre a natureza pública e a dimensão particular e afetiva das experiências no espaço urbano, a artista realiza composições entre os distintos elementos que dão forma à complexidade da vida nas cidades.

Em *Grifos*, obra mais recente e parte da série *Monumentos*, a artista reúne uma enorme e diversa coleção de imagens, extraíndo-as de seu contexto original para, em seguida, imprimi-las sobre marcadores de livros fluorescentes. Como no gesto de marcar uma página para reler passagens importantes, a artista ocupa as pequenas tiras verticais com personalidades e arquiteturas edificadas a fim de produzir o discurso histórico. Lado a lado, numa mesma dança, ora confrontando ditadores com dedo em riste, heróis de ocasião, ora exaltando construções aparentemente sem relevância histórica como a caixa d'água de Ceilândia**, Iris Helena promove uma coreografia na qual torna-se possível reunir graciosamente os elementos que constituem as camadas invisíveis da paisagem cotidiana das cidades. Sublinhando o fracasso simbólico das narrativas de poder, a artista evidencia também o potencial de permanência das memórias compartilhadas, que insistem em sobreviver nas bordas e reminiscências de sucessivos apagamentos.

**Yana Tamayo é artista visual, crítica e curadora independente. Mestre em artes visuais, doutora em Poéticas Contemporâneas pela Universidade de Brasília e fundadora do Espaço NAVE. Saiba mais sobre ela [AQUI](#).*

***A cidade de Ceilândia nasceu em 1971 a partir da Campanha de Erradicação de Invasões (CEI) nos arredores de Brasília, fruto da política de remoção das ocupações de trabalhadores do Centro para lugares distantes. Apenas em 1974 a caixa d'água foi construída no lugar da pedra fundamental do assentamento, levando então água e esgoto para a população removida.*

*texto produzido especialmente para acompanhar o **solo project** de Iris Helena na SP-Arte (de 6 - 9 de abril de 2016).*